

# PULSÃO E INSTINTO EM SUAS APROXIMAÇÕES: UM DEBATE AINDA ATUAL

*TRIEB AND INSTINCT IN THEIR APPROXIMATIONS: STILL A CURRENT DEBATE*

*Cristiane Daniel<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho parte da discussão sobre as diferentes traduções do termo alemão *Trieb* para evidenciar as relações entre o conceito de pulsão, originário da psicanálise, e o conceito de instinto, da psiquiatria. Para isso, aborda momentos da construção teórica do conceito de pulsão de Freud no primeiro dualismo pulsional e o trabalho de Foucault, quando tratou do instinto, destacando nessas construções o atributo de força e a teoria do apoio na psicanálise. A noção de força estava presente como integrante da constituição desses dois conceitos em questão. Já a teoria do apoio evidencia a ligação da pulsão, desde sua origem, às funções corporais. Como o instinto, a pulsão tem uma relação importante com o corpo biológico, embora não se restrinja ao mesmo. Por fim, esta discussão teórica nos remete a pensar na posição da psicanálise na atualidade, particularmente em sua relação com a biologia e as neurociências.

**Palavras-chave:** Pulsão. Instinto. Força. Teoria do Apoio. Biologia. Neurociências.

**Abstract:** This work starts from the discussion about the different translations of the german term *Trieb* to highlight the relationship between the concept of *Trieb*, originating in psychoanalysis, and the concept of instinct, in psychiatry. For this, it addresses moments of the theoretical construction of Freud's concept of *Trieb* in the first dualism and the work of Foucault, when he dealt with instinct, highlighting in these constructions the attribute of strength and the theory of support in psychoanalysis. The notion of force was present as an integral part of the constitution of these two concepts in question. The support theory, on the other hand, evidences the connection of the *Trieb*, from its origin, to bodily functions. Like the instinct, the *Trieb* has an important relationship with the biological body, although it is not restricted to it. Finally, this theoretical discussion leads us to think about the current position of psychoanalysis, particularly in its relationship with biology and neurosciences.

**Keywords:** *Trieb*. Instinct. Force. Support Theory. Biology. Neurosciences.

## Introdução

Bezerra Jr. (1989) afirma que a psicanálise é uma legítima representante do mundo moderno. Sua existência estaria estritamente relacionada aos pressupostos modernos de individualização, representação, racionalismo, contrato e autonomia, os quais seriam de certa forma suas condições de possibilidade. Entretanto, a psicanálise manteria com estes pressupostos uma relação peculiar, em que se apoiaria nessas

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Supervisora clínica da Divisão de Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. E-mail: [cristianedaniel.psic@gmail.com](mailto:cristianedaniel.psic@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4546-391X>

condições “para dar origem a registros diferentes, a uma ordem conceitual inovadora, fora da qual seu pleno significado é inapreensível” (BEZERRA JR, 1989, p. 233).

Em consonância, para Birman (2000) a relação entre psicanálise e modernidade se expressa de forma oscilante, pois mesmo sendo “uma modalidade de saber especificamente moderna e ocidental, nascida no campo histórico da modernidade no final do século XIX” (BIRMAN, 2000, p. 41), e estar inicialmente a ela alinhada, a psicanálise pôde indicar contradições internas no projeto da modernidade, realizando uma crítica incisiva de seus pressupostos.

Retomando o que nos diz Bezerra Jr. (1989), podemos dizer que a relação da psicanálise com a modernidade é subversiva. Mediante conceitos produzidos nesta conjuntura moderna, Freud produziu novos conceitos que só têm seu sentido pleno dentro da psicanálise, ou seja, no que se refere à leitura freudiana do homem e da sociedade. A pulsão seria um destes conceitos fundamentais para a compreensão da articulação que se realiza entre a psicanálise e a modernidade, em especial na sua relação com o instinto.

De fato, a relação entre os conceitos de pulsão e instinto foi sempre repleta de conflitos e de equívocos. Isso fica evidente nas sucessivas discussões sobre as possíveis traduções do termo alemão *Trieb*, desde a primeira tradução para o inglês das obras de Freud por James Strachey (1969/1977), na qual *Trieb* foi traduzido como *instinct* (instinto). Ele mesmo, no primeiro volume das *Obras Psicológicas Completas*, justificou sua escolha terminológica e chamou a atenção para a inadequação da identificação do *Trieb* freudiano com o instinto da biologia.

Sobre a escolha do tradutor, Garcia-Roza faz o seguinte comentário:

Trata-se sem dúvida de uma infeliz escolha terminológica, mas não houve, por parte de Strachey, confusão quanto ao que diz respeito ao conceito de pulsão. Em que pese à opção desastrosa quanto ao termo, não foi cometida nenhuma violência quanto à definição de pulsão oferecida por Freud. Isto sem entrarmos na discussão sobre qual seria a palavra mais indicada em inglês para traduzir o *Trieb* freudiano. Se *instinct* sugere ao leitor uma conotação biológica, o termo *drive*, que seria outra escolha possível, traria inevitáveis ressonâncias psicológicas. (Ressonâncias que poderiam sugerir algum parentesco entre a teoria das pulsões de Freud e a teoria do *drive reduction* de C. Hull). (2008, p.104).

O debate se estendeu ao longo da história da psicanálise, perdurando ainda hoje. De um lado, há a defesa por parte de psicanalistas de uma distinção radical entre o *Trieb*

e o instinto – que foi bem enfatizada por Lacan em seu *Seminário XI* (1964/1998); e, de outro, as reivindicações sobre uma hipotética equivalência entre o *Trieb* e o instinto por parte de psicanalistas e tradutores recentes da obra de Freud, como se verifica na atual edição da Companhia das Letras<sup>2</sup>.

Esta tradução coordenada pelo germanista Paulo César de Souza traduz o *Trieb* por instinto e apresenta como argumentos a afirmação de que instinto é uma palavra mais conhecida e popular que pulsão, e a crença do tradutor de que, se Freud vivesse hoje, estaria lendo obras de etologia e psicologia evolucionária. De acordo com Estêvão (2012), esta escolha poderia expressar um posicionamento político, pois, haveria interesse em aproximar a psicanálise do referencial biológico e neurocientífico dominante na atualidade, afastando-a do campo linguístico e filosófico estabelecido pela escola francesa, especialmente a lacaniana.

Por sua vez, Lacan, em seu retorno a Freud, insistiu na distinção entre a pulsão e o instinto e restabeleceu pela primeira vez, depois de Freud, a diferença conceitual entre as duas noções. Em muitos momentos de seu ensino, Lacan trabalhou esta questão e declarou de forma contundente sua posição. Em *Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval* de 1960 destaca que “a leitura dos escritos analíticos e as traduções oficiais de Freud (que jamais escreveu essa palavra) nos enchendo a boca de instinto, talvez tenha interesse em obviar a uma retórica que obtura toda eficácia do conceito” (LACAN, 1998, p. 848).

Outro momento que mostra claramente sua posição se encontra no ensaio: *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista* proferido em 1964 no colóquio de Roma, em que afirma que “a pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com que ele mascara sua ignorância, através da suposição de uma moral na natureza” (LACAN, 1998, p. 865).

Mas foi em seu *Seminário XI* de 1964 que Lacan fez um enunciado de destaque, afirmando que o conceito de pulsão vem a ser um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise e declarando que esta seria uma montagem, não possuindo, por sua vez,

---

<sup>2</sup> Para indicações sobre as duas edições, que traduzem o *Trieb* por pulsão, veja: para a tradução feita por Pedro Heliodoro Tavares: TAVARES, P. H. & IANNINI, G. (2014). Apresentação. In: *As pulsões e seus destinos – Ed. Bilingue. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, pp. 7-11; DUNKER, C. I. L. (2014). Uma gramática para a clínica psicanalítica. In: *As pulsões e seus destinos – Ed. Bilingue. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, pp. 135-157. Para a tradução feita e coordenada por Luiz Alberto Hanns, vide: HANNS, L. A. (2004). Os critérios de tradução adotados. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, pp. 15-62.

nada de natural. Assim, “uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça [...] numa colagem surrealista” (LACAN, 1988, p. 161). Diferente do instinto, a pulsão não possuiria uma relação fixa e inata com um objeto, não sendo seu propósito uma meta mítica de satisfação completa, mas sim um movimento repetitivo e circular em torno do objeto, o que Lacan nomeou de circuito pulsional, que se constitui de forma singular na história de cada sujeito nos diferentes modos em que este busca a satisfação.

Muito além de uma mera escolha de termos, essas divergências em torno da tradução do *Trieb*, ora como pulsão, ora como instinto, não deixa de expressar a atualidade e a profundidade da questão. Nesta perspectiva, entendemos que a relação entre as noções de pulsão e instinto é “paradigmática” (BEZERRA JR, 1989), no sentido de que tanto a pulsão quanto o instinto seriam noções cuja história de aproximações e distanciamentos refletiria tensionamentos de diferentes concepções de ciência, do humano, da vida e da morte. Ambos caminharam em linhas ou direções divergentes e estabeleceram modelos distintos para se pensar a constituição de um sujeito em meio a valores morais, éticos e sociais. Isso se torna mais claro quando confrontamos o conceito de pulsão na psicanálise com a inserção do conceito de instinto no campo da psiquiatria.

Em vista disso, se expressa aqui a relevância de compreendermos as aproximações e distanciamentos teóricos entre pulsão e instinto. Como esses dois conceitos se aproximam? Como se distanciam? Neste artigo, trataremos das relações entre pulsão e instinto, pensando em suas aproximações a partir do atributo de força e da teoria do apoio da psicanálise.

### **A pulsão e a força**

Segundo Birman (1997), podemos falar da pulsão em sua dimensão de força antes mesmo de seu enunciado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905 (abrev. *Três ensaios*). As condições de possibilidade para a constituição do conceito já figuravam na obra de Freud desde 1890. No *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, as condições de emergência do conceito de pulsão já se faziam presentes quando Freud trabalhava a dimensão energética do aparelho psíquico.

Neste texto, em sua primeira parte nomeada de “Esquema Geral”, podemos notar a relevância do aspecto quantitativo ou energético do funcionamento psíquico na

investigação de Freud, quando, ao discutir sobre os processos que ocorreriam na histeria e na obsessão, afirma que “a característica quantitativa surge com mais clareza do que seria normal” (FREUD, 1895/1977, p. 395-396).

Na sequência dessa elaboração, Freud postulou um princípio de regulação do aparelho psíquico que nomeou como princípio de inércia neurônica, segundo o qual “os neurônios tendem a se desfazer de Q” (FREUD, 1895/1977, p. 396). Segundo este princípio, haveria neurônios que seriam dotados de uma quantidade (Q) de energia e que tenderiam à descarga completa dessa quantidade (Q). O modelo para essa descarga seria o movimento reflexo e sua função corresponderia à função primordial do aparelho psíquico. A descarga, além disso, seria efetuada por vias preferidas e conservadas que acarretariam a interrupção dos estímulos, ou melhor, a “fuga do estímulo”, como Freud chamou (FREUD, 1895/1977).

Esses neurônios receberiam estímulos de diferentes fontes, em que uns seriam originados do exterior e outros de natureza endógena, com origem no próprio organismo. Ao contrário dos estímulos externos que poderiam ser evitados, o aparelho psíquico não teria como se esquivar dos estímulos derivados da fonte endógena, ou seja, não seria possível aplicar a Q deles para fugir do estímulo. Sua eliminação só poderia ocorrer a partir da realização da ação específica, que requer um esforço independente das fontes endógenas. Logo, ao princípio da inércia estaria identificado inicialmente o princípio do prazer/desprazer, na medida em que o despreazer consistiria na tensão decorrente do acúmulo de Q, e o prazer na descarga dessa Q excessiva.

Para executar a ação específica, o aparelho psíquico ver-se-ia obrigado a abandonar a tendência à inércia, pois se não o fizesse, ocorreria a descarga total das excitações e o organismo não disporia de energia para realizar as ações específicas que os estímulos endógenos exigem. Essa possibilidade inviabilizaria a vida e, conseqüentemente, o psiquismo. Diante disso o organismo é capaz de suportar o acúmulo de certa quantidade de energia. Nesse ínterim, outro princípio entra em cena na regulação do psiquismo, o princípio da constância, que atua em oposição ao princípio da inércia, procurando manter a quantidade de energia no nível mais baixo possível e protegendo-se contra o seu aumento, isto é, mantendo-a constante e assegurando assim, a vida.

O que esta elaboração freudiana sobre a concepção do psiquismo traria por consequência, de acordo com Birman (1997), seria que o psíquico, desde sua origem, seria capaz de articular as excitações pulsionais com os objetos de satisfação, na medida

em que o princípio do prazer/desprazer também estaria na origem do psiquismo. No plano das representações, isso corresponderia ao fato de que as excitações pulsionais seriam derivadas em seus representantes no aparelho psíquico e, desta forma, seria formado o circuito pulsional, no qual a pulsão estaria regulada.

Até esse momento da elaboração freudiana, vimos a pulsão enunciada no registro quantitativo. Mas, posteriormente, ela será enunciada também no registro qualitativo. Como colocado por Birman (1997), isso se deu quando nos *Três ensaios* (1905/1977 e 2004) Freud enunciou que o objeto seria o que existe de mais variável na pulsão. Esse enunciado demonstraria que as pulsões para atingir a sua finalidade, que seria sempre a satisfação, dispõem de muitos percursos. A concepção polimorfa de sexualidade aliada a este enunciado indicaria, assim, a relatividade dos objetos para a promoção da experiência da satisfação. Seria, então, a trajetória de cada sujeito, sua experiência pulsional, que delinearía um campo de objetos de satisfação.

Entretanto, com *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004), no registro metapsicológico, essa concepção começou a ser modificada. Isso porque neste ensaio Freud definiu a pulsão como se inscrevendo no registro quantitativo de forma iminente, como um trabalho imposto, uma exigência:

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. (FREUD, 2004, p.148)

Ainda no registro quantitativo, Freud definiu o *Drang*, ou na tradução do alemão, a *pressão*, a *ânsia* ou a *força da pulsão* (HANNIS, 1999) como “o seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência” (FREUD, 1915/2004, p. 148). Portanto, a pulsão é uma força (*Drang*), que atua de forma constante e pressiona no sentido da descarga. Assim, a pulsão “Jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela” (FREUD, 1915/2014, p. 19).

Em vista disso, antes de tudo, a pulsão precisa ser submetida a um trabalho de ligação e de simbolização para que possa se inscrever no psiquismo propriamente dito.

Esse processo foi denominado de domínio da força pulsional e seria, por sua vez, uma das principais tarefas do aparelho psíquico – enunciado que encontramos já no *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, conforme destacamos anteriormente. Somando-se a esse enunciado, encontramos também uma referência no artigo, *Sobre o narcisismo: uma introdução* de 1914:

Em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo um expediente para lidar com excitações que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico. A elaboração psíquica ajuda extraordinariamente no desvio interno de excitações que não são capazes de uma direta descarga externa, ou para as quais isso não seria desejável no momento. (FREUD, 2010, p. 20)

Esse processo de domínio da força pulsional se realizaria simultaneamente nos registros do objeto e da representação. Isso aconteceria de modo que, o *Drang* – a força pulsional – faria a ponte entre a recepção do estímulo e o ímpeto para a ação de descarga. De acordo com Hanns (1999), como o *Drang* está no psíquico e no somático, o sujeito sentiria no corpo o *Drang* como força – do tipo que pressiona e no psiquismo como uma ânsia ou um ímpeto para ir em direção a um objeto que lhe permita fazer a descarga. Seria sob a forma de *Drang* que a pulsão viria a adquirir uma dimensão psíquica, pois

Como tudo o que ocorre no psíquico, também o *Drang* se refere a imagens e afetos, é portador do afeto de urgência, de ânsia [em alemão, algo até semanticamente próximo da aflição], e também se liga a imagens (anseia por imagens que representam situações de alívio), portanto, por algo já imaginificado que guia as pulsões para “fora” (HANNNS, 1999, p. 74-75).

Assim, sendo impelida e guiada para fora é que a pulsão poderia ter consequências no ambiente externo, já que a força faria com que o sujeito se dirigisse ao mundo para buscar o que lhe falta. A partir desse processo é que se constituiria um circuito pulsional. No entanto, para que a pulsão como força se transforme neste circuito, isto é, para que se articule num campo de objetos através dos quais se realize a satisfação, e para que se inscreva num campo de representações, é preciso que se realize um trabalho. Esse trabalho é agenciado pelo Outro (LACAN, 1964/1988), que oferece possibilidades de satisfação para a força pulsional de tal forma em que esta não precisaria se descarregar imediatamente.

## **A força e o instinto**

O instinto, de forma semelhante à pulsão, portaria em si a dimensão de força, pela qual poderia até mesmo ser definido como uma força caracterizada como algo que ultrapassa, que não respeita obstáculos e que é, portanto, irresistível. No discurso da psiquiatria em seus primórdios no século XIX, como afirma Birman (2009), o instinto seria o signo primário da ordem da vida, a infraestrutura essencial que moveria o vivente. O instinto fundaria no saber psiquiátrico da época o registro da natureza biológica e da animalidade, no qual foram inseridas as anomalias e as patologias do psiquismo.

Em seu curso no Collège de France *Os anormais* de 1975, Foucault discorre sobre o aparecimento da noção de instinto em meio à constituição de um campo de saber da psiquiatria. Ali chegou a demonstrar como surgiu todo um domínio de objetos novos relativos ao campo da anormalidade, dentre eles a noção de instinto. Para isso, começou com a análise de casos de crimes que escapariam ao discurso do direito e da punição e que escapariam, assim, tanto da atribuição à razão, como da atribuição à loucura. Crimes que, portanto, fugiriam ao discurso médico e seriam remetidos à psiquiatria – os chamados crimes sem interesse ou crimes sem razão.

A psiquiatria se interessou pela loucura, mais especificamente a loucura que mata, codificada primeiramente sob a noção de monomania, já que seu problema era constituir-se e impor seus direitos como poder e saber de proteção no interior da sociedade. Isso porque, na loucura criminal e também em todas as formas de comportamento em que o crime fosse imprevisível, somente ela, a psiquiatria, como ciência da doença mental, por conhecer a loucura, poderia detectar esse perigo, imperceptível a todos os outros.

Nesse ínterim, o que se começa a observar nos crimes sem razão é que existiria neles uma consciência moral intacta. No entanto, nesse ato sem interesse algo mais estaria envolvido. Detenhamo-nos neste momento para destacar aqui a entrada em cena do atributo da força, sendo essa palavra propriamente a que Foucault utiliza em sua descrição:

Não é mais de um ato sem razão que se trata, ou antes, é um ato que, em certo nível, não tem razão; mas em outro nível cumpre reconhecer nesse ato, que conseguiu sacudir, ultrapassar, percorrer, derrubando-as, todas as barreiras da moral, algo que é uma energia, uma energia intrínseca a seu absurdo, uma dinâmica de que ele é portador e que o



porta. Cumpre reconhecer uma força que é uma força intrínseca. (FOUCAULT, 2010, p. 109)

Assim, depois de ter sido concebida a existência de uma força, quais seriam os desenvolvimentos que se seguiriam a partir daí?

É nesse momento que se dá a entrada num campo absolutamente novo, que não chegaria a ser um campo de noções, mas um domínio ainda flutuante. Os psiquiatras falavam em casos específicos nos quais existiria uma “direção irresistível, afeição irresistível, desejo quase irresistível, atroz inclinação cuja origem não podemos garantir” (FOUCAULT, 1975/2010, p. 110), bem como outros casos nos quais predominaria uma “energia de uma paixão violenta”, “presença de um agente extraordinário, alheio às leis regulares da organização humana”, “determinação fixa, invariável, que rumo para a sua meta sem se deter” (FOUCAULT, 1975/2010, p. 111). Toda essa série de nomes que designaria essa dinâmica do irresistível veio a ser nomeada como “o instinto”. Falava-se de um “instinto bárbaro”, de um “ato instintivo” ou ainda de uma “propensão instintiva” (FOUCAULT, 1975/2010).

É este o desenvolvimento que se segue à concepção da existência de uma força intrínseca que levaria uma pessoa a cometer atos impensáveis, o enunciado da noção de instinto. Podemos ver, então, diretamente a relação entre a força e o instinto.

No entanto, Foucault argumenta que nesse momento o instinto ainda não estaria concebido, que não havia nada nas regras de formação do discurso psiquiátrico da época que permitisse nomear esse objeto absolutamente novo. Ele até poderia ser nomeado, mas não era nem construído nem concebido. Somente mais tarde é que irromperia de fato um objeto, ou antes, todo um domínio de objetos novos, que serão nomeados, descritos e desenvolvidos no interior do discurso psiquiátrico do século XIX:

São os impulsos, as pulsões<sup>3</sup>, as tendências, as propensões, os automatismos; em suma, todas essas noções, todos esses elementos que, ao contrário das paixões da Idade Clássica, não são ordenados a uma representação primeira, mas se ordenam, ao contrário, a uma dinâmica específica, em relação à qual as representações, as paixões, os afetos estarão numa posição secundária, derivada ou subordinada. (FOUCAULT, 2010, p. 112)

Foucault ainda assinala que nessa época a psiquiatria estava mostrando que as formas monstruosas de certos indivíduos nunca passavam do produto de um jogo

---

<sup>3</sup> Interessante notar que Foucault utiliza, até mesmo em sua descrição do instinto, a palavra pulsão.

perturbado das leis naturais, e que os atos monstruosos, aqueles considerados sem razão, na realidade não eram produzidos simplesmente a partir dessa lacuna que a ausência de razão assinalava, mas por certa dinâmica móbil dos instintos. Segundo ele, teríamos aí “o ponto de descoberta dos instintos (...) da construção, do uso regrado de um conceito no interior de uma formação discursiva” (FOUCAULT, 1975/2010, p. 112).

Com a noção de instinto, ter-se-ia aberto uma nova problemática, toda uma nova maneira de colocar o problema do que é patológico na ordem da loucura. Foucault enumera uma série de questões que surgiram a partir daí, como:

É patológico ter instintos? Dar livre curso a seus instintos, deixar agir o mecanismo dos instintos, é uma doença ou não é uma doença? Ou ainda, existirá certa economia ou mecânica dos instintos que seria patológica, que seria uma doença, que seria anormal? Existem instintos que são, em si, portadores de algo como uma doença, ou como uma enfermidade, ou como uma monstruosidade? Existem instintos que seriam instintos anormais? É possível agir sobre os instintos? É possível corrigir os instintos? Existe uma tecnologia para curar os instintos? (FOUCAULT, 2010, p. 113)

Dessa forma, diz Foucault, o instinto viria a se tornar o grande tema da psiquiatria, tema este que viria a ocupar um espaço cada vez mais considerável, coincidindo com o antigo domínio do delírio e da demência, que havia sido o núcleo central do saber e da prática da loucura até o início do século XIX.

No tópico seguinte continuaremos a abordar a questão da aproximação entre a pulsão e o instinto, mediante a teoria do apoio, desenvolvida por Freud, quando de sua investigação sobre a sexualidade.

### **A teoria do apoio**

Alguns estudiosos atuais da obra de Freud acreditam na equivalência do uso dos termos pulsão e instinto, acreditando, inclusive, que tanto um como o outro se referem aos mesmos processos no ser vivente (SIMANKE, 2014; DELOUYA, 1992). Entretanto, não consideramos esta equivalência adequada, mas, sim, acreditamos que a pulsão e o instinto estariam próximos desde a sua origem até certo momento em que esses conceitos tomariam corpos e contornos diferenciados, que progressivamente passariam a situá-los como opostos.

Freud, como pensador da modernidade, tinha conhecimentos das principais teorias sobre o homem e a cultura que estavam sendo produzidas. Por isso, muitos

conceitos da psicanálise têm sua origem no solo do pensamento moderno. A relação de Freud com os saberes da modernidade foi de aproximação e posterior ruptura, cuja noção de pulsão acompanhou tal movimento (BEZERRA JR, 1989; BIRMAN, 1997; 2000; 2006; 2009; NERI, 2005). Por isso, nossa discussão procurou acompanhar um destes movimentos, tentando indicar na elaboração freudiana os momentos de aproximação com a tradição moderna.

Segundo Perron (1991), Freud fez uso de modelos emprestados de outras disciplinas durante toda a sua obra, como os modelos da biologia e da medicina. Um desses usos ocorreu quando a psicanálise fez tentativas de aplicar um esquema funcional particular aos fatos que procurava compreender. Teria sido assim que Freud transpôs o esquema do arco-reflexo no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1977) e nos últimos capítulos da *Interpretação dos sonhos* (1900/1977). Tratar-se-ia de uma analogia funcional com um sistema de outra ordem, que permite representar um funcionamento psíquico segundo um esquema simples. Essas analogias usadas por Freud, segundo Perron (1991), puderam ser úteis como um estágio provisório de seu pensamento.

Assim, o que Freud teria feito, além de se inspirar em teorias da biologia e da medicina da época, foi também buscar a fundação de um novo saber – a psicanálise. A pulsão viria a demonstrar esse movimento de Freud, de ida a outros campos de saber, pois está no somático e no psíquico, fazendo a articulação entre estes registros, como foi enunciado em seus *Três ensaios* (1905/1977 e 1976).

Tal qual o instinto, a pulsão, em sua origem, estaria ligada ao registro biológico, como uma força que emerge no corpo, embora não viesse a se situar somente nele, mas igualmente no psiquismo. Para esclarecer a forma como se dá esse processo, faz-se de vital importância que examinemos a teoria do apoio. Esta, segundo Laplanche & Pontalis (1971), é uma hipótese formulada por Freud nos *Três ensaios* (1905/1977 e 1976) que diz respeito a um apoio inicial das pulsões sexuais sobre as funções corporais que servem à conservação da vida do indivíduo. Dito em outras palavras, refere-se a uma ligação das pulsões sexuais com o registro biológico.

Encontramos duas formulações de Freud a este respeito, a primeira em 1905 nos *Três ensaios*, e a segunda em 1915, em *As pulsões e seus destinos*. A primeira formulação nos diz o seguinte:

Nosso estudo do ato de sugar o dedo, ou sugar sensual, já nos deu as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Em sua origem ela se liga a uma das funções somáticas vitais, ainda não tem objeto sexual e é, assim, auto-erótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena (FREUD, 1977, p. 187).

Já a segunda afirma que “em sua primeira manifestação, [as pulsões sexuais] apoiam-se inicialmente nas pulsões de conservação, das quais apenas aos poucos se desligam” (FREUD, 2014, p. 33).

Entre as duas formulações haveria marcadamente uma diferença, como aponta Garcia-Roza (2008), em que, na primeira, Freud fala de um apoio das pulsões sexuais nas funções somáticas vitais, enquanto que na segunda fala do apoio das pulsões sexuais nas pulsões de conservação. No entanto, todas as vezes que discute o conceito de apoio, e em todos os empregos que faz dessa noção, no alemão *Anlehnung*, fica evidente que ela se aplica às pulsões sexuais em particular e não à pulsão em geral.

Nos *Três ensaios* Freud afirma o seguinte sobre o funcionamento das pulsões sexuais:

Como argumentamos, pode-se então verificar que a excitação sexual da criança provém de várias fontes. Acima de tudo, produziria satisfação a apropriada excitação sensível das chamadas zonas erógenas; aparentemente, qualquer lugar da pele e qualquer órgão dos sentidos (e provavelmente qualquer órgão) podem atuar como tal [...]. Além disso, uma excitação sexual é gerada, por assim dizer como um subproduto, como resultado de uma grande série de processos que ocorrem no organismo, assim que atingem certa intensidade [...]. As excitações de todas essas fontes não se conjugam ainda, mas perseguem separadamente seu objetivo, que não é outra coisa senão o ganho de certo prazer. A partir disso, inferimos, conseqüentemente, que na infância a pulsão sexual não é centrada e no início não tem objeto, ou seja, é autoerótica (FREUD, 1976, 212-213, tradução nossa).

Freud ainda reafirmou esse funcionamento das pulsões sexuais mais tarde em 1915, em *As pulsões e seus destinos*, dizendo que:

Para uma classificação geral das pulsões sexuais pode-se dizer o seguinte: são numerosas, advêm de múltiplas fontes orgânicas, agem inicialmente de forma independente umas das outras e só depois se reúnem em uma síntese mais ou menos acabada. A meta a que cada uma delas aspira é a obtenção do *prazer de órgão*; somente após terem completado a síntese é que se põem a serviço da *função reprodutiva*, pela qual se tornam geralmente reconhecíveis como pulsões sexuais (FREUD, 2014, p. 33, grifo do autor).

A partir de tais formulações, fica evidente que Freud concebeu as pulsões como autônomas em relação à função biológica. Entretanto, essa autonomia não significaria que elas prescindam do biológico, mas sim que não têm por finalidade atender às exigências deste, não sendo adaptativas ou autoconservadoras. Sua meta visaria apenas o prazer de órgão, isto é, um prazer local ligado a uma determinada zona do corpo, a zona erógena, e sem nenhuma articulação com as demais zonas ou com o funcionamento do organismo como um todo. Como nos adverte Garcia-Roza:

A tese de Freud é que essas pulsões surgem quando o prazer torna-se autônomo em relação à satisfação da necessidade, mas que este surgimento não se faz sem um apoio na função biológica ou, como ele vai dizer em 1914, nas pulsões de autoconservação. (2008, p.106).

Freud enunciou de maneira clara nos *Três ensaios* (1905/1977) como o apoio das pulsões sexuais nas funções biológicas aconteceria, quando fala sobre o ato de mamar da criança recém-nascida ou seus substitutos e suas significações. Num primeiro momento, o ato de mamar ou chupar o dedo estaria associado à ingestão de alimento, ou seja, à satisfação da necessidade e também ao prazer de sugar. Assim, segundo Freud:

Os lábios da criança, a nosso ver, comportam-se como uma zona erógena, e sem dúvida o estímulo do morno fluxo do leite é a causa da sensação de prazer. A satisfação da zona erógena se associa, no primeiro caso, à satisfação da necessidade de nutrição. (1977, p. 186).

Dessa forma, naquele momento a satisfação da necessidade de alimento e a satisfação da zona erógena ou o prazer de sugar estariam ligados. Assim, não poderíamos dizer o que seria de um o que seria de outro, como Freud explicita na passagem. Somente quando o prazer de sugar se tornar independente da função de nutrição – o que acontece quando surge o autoerotismo – é que poderíamos falar no surgimento da pulsão sexual, como observamos na sequência de sua elaboração:

De início a atividade sexual se liga a funções que atendem à finalidade de autopreservação e não se torna independente delas senão mais tarde. Ninguém que já tenha visto um bebê reclinar-se saciado do seio e dormir com as faces coradas e um sorriso feliz pode fugir à reflexão de que este quadro persiste como protótipo da expressão da satisfação sexual na vida ulterior. A necessidade de repetir a satisfação sexual desliga-se agora da necessidade de nutrir-se [...] A criança não usa um corpo estranho para sua sucção, preferindo uma parte de sua própria

pele porque é mais conveniente, porque a torna independente do mundo exterior, que ela ainda não pode controlar, e porque desta forma ela se proporciona, por assim dizer, uma segunda zona erógena (FREUD, 1977, p. 186-187).

Na passagem citada, chamamos atenção primeiramente a esse momento de quando as pulsões se apoiavam nas funções biológicas, de quando estariam ligadas a elas. Como Freud apontou em *As pulsões e seus destinos* (1915/2014), desde o seu surgimento na fonte, biológica, em “uma parte do próprio corpo” (p. 27), a pulsão expressava sua face biológica, visto que nascia no corpo biológico e a ele estava atrelado, ou mais especificamente, às funções vitais deste corpo. Nesse ponto, a pulsão estaria em posição muito próxima ao instinto da biologia e da medicina, pois seria uma força que nasce no corpo e a ele estaria ligada.

O segundo ponto para o qual chamamos a atenção é o momento em que a pulsão adquire sua independência do corpo biológico, por assim dizer, se tornando autônoma. Este momento em que surge o autoerotismo, no qual o ato de sugar, de acordo com o enunciado de Freud, não estaria mais relacionado à satisfação da necessidade de alimento, mas sim ao prazer de órgão. Se ela adquiriu independência e se tornou autônoma é porque antes não o era e mantinha com o corpo biológico uma estreita relação.

Em vista disso, a teoria do apoio manifestaria aqui sua importância, na medida em que marcaria os dois momentos: o primeiro em que a pulsão estaria ligada ao registro biológico e o segundo, quando se desligaria dele, com o surgimento do autoerotismo. Este último indicaria o ponto de disjunção do pulsional em relação ao biológico.

A teoria do apoio, nesse sentido, seria um apontador da subversão empreendida por Freud, portando o significado de uma oposição sutil de sua elaboração teórica aos saberes da modernidade. Isso porque, ao mesmo tempo em que Freud se aproxima da modernidade, aproximando a pulsão do registro do biológico, rompe também com esta tradição, conferindo à pulsão autonomia frente a este registro, sendo este o movimento contínuo pelo qual passou a formação de seu pensamento.

A teoria do apoio foi bastante trabalhada por Laplanche (1970, 1988), que reconheceu nela uma noção central para a psicanálise. Mais tarde, em seus últimos

textos, ele reconsiderou suas opiniões anteriores a respeito e declarou que esta deveria ser ultrapassada<sup>4</sup>.

Nós, no entanto, consideramos que a noção de apoio tem um papel muito relevante para mostrar as proximidades entre a pulsão e o registro biológico, representado pela figura do instinto.

### **Considerações finais**

Neste trabalho nossa intenção foi tratar de um tema inserido na discussão entre a psicanálise e a biologia e, a partir disso, mostrar as aproximações entre os conceitos de pulsão e instinto. Para tanto, partimos da noção, característica ou, ainda, o atributo da força. Esta estaria presente como integrante da constituição dos dois conceitos em questão. Ambos se referem à existência de uma força inerente ao vivente e, tanto na primeira tópica do pensamento de Freud, como no pensamento dos psiquiatras que analisavam os crimes sem interesse, como Foucault (1975/2010) mostrou, o que aparece é essa dimensão de força que impele o sujeito a agir, que o faz ir à busca de objetos de satisfação.

Nessa tentativa de aproximação, outro ponto importante referiu-se a demonstração de como a pulsão, na sua origem, estaria ligada às funções corporais, dependendo delas. Como o instinto, a pulsão teria uma relação importante com o corpo biológico, embora não se restrinja a esse registro. Até aqui, estariam em posição de proximidade, pois portariam a mesma dimensão de força e estariam referidos ao registro biológico. No entanto, a partir disso, a linha se bifurca e a pulsão e o instinto seguem desenvolvimentos completamente diferentes, em campos de saberes distintos: a pulsão na psicanálise e o instinto na psiquiatria.

Quando a noção de instinto sexual foi definida, ela poderia mesmo ser comparada em alguns aspectos à pulsão sexual na psicanálise. Pois era caracterizada

---

<sup>4</sup> Laplanche caracterizou a teoria do apoio como um conceito central na psicanálise em seu livro *Vida e Morte em Psicanálise* de 1970. Neste, Laplanche fala da “derivação da pulsão no homem a partir do instinto” (1985, p. 18) e faz a seguinte afirmação a respeito do apoio: “O apoio da pulsão na função não é uma gênese abstrata, uma dedução quase metafísica, mas um processo descrito com a maior exatidão, segundo o exemplo que se tornou seu arquétipo – o da oralidade” (p. 24). A discussão prossegue por um capítulo, no qual o autor ainda trata das noções de autoerotismo e zona erógena, ambas relacionadas à noção de apoio. A investigação de Laplanche, sobre a importância desta noção, ainda se seguiu no artigo *Derivação das entidades psicanalíticas* de 1970. Mais tarde, em 1988, foi em seu artigo *Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada* que Laplanche reconsiderou suas pesquisas anteriores sobre o apoio.

como uma força excessiva, que já estava presente na infância e que não se restringia aos objetivos da reprodução. Entretanto, todas essas características do instinto sexual que mencionamos – e que na figura da pulsão sexual originaria as múltiplas formas de vivência da sexualidade e a constituição da subjetividade – apropriadas pela psiquiatria, de acordo com Foucault (1973-1974/2006), passaram a originar as formas anormais de vivência da subjetividade, que viriam a ser alvo de controle e correção no campo das práticas psiquiátricas. A partir daí é que começaríamos a situar o distanciamento entre os dois conceitos.

Na psicanálise, a pulsão foi um elemento fundamental para a articulação da teoria da sexualidade e delineou as bases para a constituição da subjetividade. Já na psiquiatria, a noção de instinto portava uma dimensão de força que poderia até mesmo defini-la. No entanto, esta noção foi cada vez mais inserida no campo do discurso psiquiátrico para designar as formas psicopatológicas, as anormalidades e os desvios da norma.

Acreditamos que este embate entre psicanálise x biologia e neurociências abre inúmeras possibilidades de discussão e de criação que podem contribuir para a atualidade da psicanálise. A importância conferida tanto pelo meio psicanalítico, como pelo meio científico a este tema, justifica e valida o interesse nesta pesquisa.

Além da discussão entre pulsão e instinto no tocante à tradução do *Trieb* freudiano por instinto, que mencionamos no início, na atualidade, o debate se insere em outra perspectiva. Segundo psicanalistas (ALBERTI & SILVA, 2005; BEZERRA JR. 2006, 2013; WINOGRAD, 2004; WINOGRAD & DAVIDOVICH, 2010), nas discussões atuais, no quadro de desenvolvimento da biologia e das neurociências, a psicanálise tem tido conceitos fundamentais de seu corpo teórico como a pulsão, o recalque e o inconsciente questionados, outrora rejeitados, considerados como não científicos. Para o discurso neurocientífico naturalizante e biologizante, tudo se resumiria a uma questão de funcionamento biológico. Para Alberti (2005), a psicanálise precisaria empreender um estudo aprofundado de si mesma, no sentido de se justificar a comunidade científica, devendo, para isso, sempre levar em consideração os conceitos de desejo e de pulsão. Este último, por sua vez, seria fundamental em meio à discussão entre a psicanálise e as neurociências.



## Referências

- ALBERTI, S.; SILVA, J. F. F. Psychoanalysis and neurosciences on the Moebius strip. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 8-24, 2005.
- BEZERRA JUNIOR, B. C. Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In: BIRMAN, J. (Org.). **Freud: 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1989. p. 219-239.
- BEZERRA JUNIOR, B. C. O impacto das biotecnologias: um ponto de vista. **Revista Ide**. São Paulo, v. 29, n. 43, p. 50-56, 2006.
- BEZERRA JUNIOR, B. C. **Projeto para uma psicologia científica**. Freud e as Neurociências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BIRMAN, J. **Cadernos sobre o mal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- DELOUYA, D. O biológico em Freud: corpo estranho ou heresia? **Percursos: Revista de Psicanálise**, n. 4, p. 39-45, 1992.
- ESTÊVÃO, I. R. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, São Paulo, n. 19, jan.-jun., p. 79-106, 2012.
- FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes 2006. (Original publicado em 1973-1974).
- FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Original publicado em 1975).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Original publicado em 1895).
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Original publicado em 1900).
- FREUD, S. Três ensayos de teoria sexual. In: FREUD, S. **Obras Completas Sigmund Freud**, v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. (Original publicado em 1905).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Original publicado em 1905).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Sigmund Freud Obras Completas**, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1914).
- FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Original publicado em 1915).
- FREUD, S. As pulsões e seus destinos. Edição bilíngue. In: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Original publicado em 1915).
- GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise, uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- HANNS, L. A. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- LACAN, J. **O seminário**. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Original publicado em 1964).
- LACAN, J. Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1960).
- LACAN, J. Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1964).
- LAPLANCHE, J.& PONTALIS, J. B. **Diccionario de psicoanálisis**. Madrid: Labor, 1971.
- LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (Original publicado em 1970).
- LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- NERI, R. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- PERRON, R. De divers sens du terme modèle et de leurs usages possibles en psychanalyse. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 55, p. 221-232, 1991.
- SIMANKE, R. T. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. **Revista Scientiae Studia**, v. 12, n. 1, p. 73-95, 2014.
- SIMANKE, R. T. O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. **Revista Scientiae Studia**, v. 12, n. 3, p. 439-464, 2014.
- STRACHEY, J. Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 27-29. (Original publicado em 1969).
- WINOGRAD, M. Matéria pensante – a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 56, n. 1, p. 20-33, 2004.
- WINOGRAD, M.& DAVIDOVICH, M. M. Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, p. 801-809, 2010.

*Recebido em: 30/10/2023*  
*Aprovado em: 20/12/2023*